

O presidente do mundo: Barack Obama antes e depois da eleição na cobertura de Veja

Fhoutine Marie¹

Resumo:

O presente artigo visa analisar a cobertura de Veja sobre a eleição presidencial dos Estados Unidos. Analisam-se os textos e algumas imagens das matérias e editoriais da revista da edição publicada na semana da eleição e a edição da semana seguinte ao pleito, quando a vitória de Obama já havia sido confirmada.

Palavras-chave: Eleição presidencial norte-americana, revista Veja, Barack Obama.

Abstract:

The present article analyses the stories published on Veja magazine about the USA's presidential election. The analyses includes the texts and some images of the stories and editorials published on the magazine's issue the week before the election and the magazine's issue published the week after Obama's victory has been announced.

Key-words: USA's presidential election, Veja magazine, Barack Obama.

A eleição presidencial dos Estados Unidos da América costuma a atrair as atenções da mídia da maioria dos países. Este ano a expectativa parecia ser maior. Há, antes de tudo, uma crise econômica que apesar de vir sendo anunciada por especialistas há tempos, estourou justamente poucos meses antes da população estadunidense ir às urnas. Além disso, as prévias dos maiores partidos daquele país para a escolha de seus respectivos candidatos já mostrava uma disputa inusitada: no partido democrata Hillary Clinton e Barack Obama disputavam quem seria o candidato à presidência e ali havia a possibilidade de uma eleição inédita: uma mulher ou um negro poderia vir a ocupar a Casa Branca pela primeira vez.

Obama venceu as prévias do partido Democrata e, poucos meses depois, as eleições dos Estados Unidos. Imediatamente os meios de comunicação deram destaque ao fato, quase sempre sublinhando o aspecto étnico de sua vitória. Os noticiários televisivos lembraram a luta pela igualdade de direitos civis para a população negra dos Estados Unidos na década de 60. O famoso discurso de Martin Luther King foi incessantemente repetido como *background* nas imagens das reportagens que mostravam a apresentadora Oprah Winfrey e o companheiro de luta de Luther King, reverendo Jesse Jackson. Contudo, Obama não foi mostrado apenas como o representante de uma etnia (embora isto tenha ficado marcado quando seus parentes na África apareceram comemorando), mas como uma nova esperança para os Estados Unidos

¹ Jornalista, mestranda em Ciência Política pela PUC/SP, pesquisadora do Neamp.
Aurora,4 : 2009



Neamp

no momento de crise e no momento de impasse político por conta da guerra do Iraque – mas também como a salvação da própria democracia.

Esta construção ambivalente da imagem de Obama está presente na análise feita aqui das matérias e de algumas imagens da cobertura de *Veja*. Nas páginas da revista publicada de entrar para a História como o 44º presidente dos Estados Unidos da América, há uma cobertura ainda tímida, que destaca a crise econômica mundial em detrimento de informações sobre os dois candidatos envolvidos na disputa, como as propostas de cada um. Essa sobriedade vai dar um lugar, apenas uma semana depois, a uma “edição histórica”, que estampa o presidente eleito em sua capa e a capa página reforça a marca étnica e um suposto renascimento da democracia norte-americana.

A eleição e a crise

Na edição 2085, ano 41, nº44, de 05 de novembro de 2008, *Veja* dedicou sete páginas à cobertura da eleição presidencial dos Estados Unidos e uma chamada de capa que dizia “Estados Unidos – Cinco grandes economistas opinam como o voto alivia a crise”, ilustrada com uma foto de Barack Obama. O material publicado pela revista está dividido em uma reportagem de seis páginas assinada pelo repórter André Petry (que cobria a eleição de Nova York) e uma página do colunista fixo da revista, Diogo Mainardi.

A reportagem intitulada “O voto contra a crise” (páginas 80-85) tinha como foco principal a repercussão econômica da eleição. A revista avalia que George W. Bush estava certo em “soltar o mercado e estimular a compra da casa própria”, mas que este não soube “a hora de parar”. A reportagem traz gráficos que ilustram a queda nos investimentos em poupanças nos Estados Unidos e o aumento do preço dos imóveis no país. Há também depoimentos de especialistas em economia (dois prêmios Nobel e três professores de renomadas universidades estadunidenses), que não fazem o que anuncia a chamada de capa, ou seja, não revelam como o voto alivia a crise. Os comentários são gerais e imprecisos (“*Até a posse do eleito, em janeiro teremos de lidar com incertezas...*”; “*Crisis financeiras não são importantes a menos que conduzam a políticas ruins...*”; “*Os americanos são avessos a controles do governo porque seus negócios são livres...*”) e não se arriscam a comentar a diferença entre a escolha de um ou outro candidato.



Apenas um desses especialistas (Eric Maskin, prêmio Nobel de 2007) afirma a possibilidade de que a eleição de Obama trouxesse alguma melhoria e há um que (José Alexandre Scheinkman, professor de Princeton) recusa esta possibilidade. Não há comentários dos especialistas ou do autor da reportagem sobre o que a eleição de um ou outro candidato poderia ter de impactos na economia brasileira.

Embora não seja o assunto principal da reportagem, é estabelecida uma relação entre democracia e capitalismo, sempre se afirmando que o bom andamento do segundo depende está diretamente relacionado a este sistema de governo.

“Como se vê, a democracia produz distorções sobre o capitalismo, e vice-versa, mas nunca é demais lembrar que se trata de um dulcíssimo problema. Afinal, a alternativa à democracia é a ditadura – coisa que o mundo vem consistentemente enterrando... E alternativa ao capitalismo é o comunismo, que o mundo consistentemente já enterrou, apesar da existência agônica de Cuba ou da Coreia do Norte” (pág. 85)

Sobre a corrida presidencial propriamente fala-se muito pouco. Afirmava-se que campanha eleitoral havia começado “quente”, por conta do guerra do Iraque, e que terminara “fervendo” sobre a crise financeira.

“O democrata Barack Obama, líder nas pesquisas, sente-se mais à vontade para tocar no assunto, mas só fala que, com sua vitória, chegará ao fim a era da “ganância e irresponsabilidade”. O republicano John McCain (...) prega a redução dos impostos e não pára de dizer que seu adversário irá aumentar os impostos...” (Pág. 81)

Ao final, considerando que as pesquisas indicam como provável futuro presidente o candidato Barack Obama, afirma-se que esta possibilidade estimulou uma onda de comparações nos Estados Unidos entre ele e Franklin Delano Roosevelt, presidente dos Estados Unidos entre 1933 e 1945 e autor do plano de recuperação econômica da depressão que atingiu o país nos anos 30, o New Deal.

Imagens antes da eleição

Além dos gráficos utilizados, a reportagem foi rica em recursos visuais. As duas primeiras páginas (80 e 81) são tomadas quase totalmente por uma grande fotomontagem que coloca imagens dos dois candidatos um em cada canto com a Casa Branca e a bandeira dos Estados Unidos ao fundo. Tanto Obama quanto McCain aparecem com o dedo indicador em riste; porém, enquanto McCain aparece de frente com a testa franzida, olhando diretamente



Neamp

para o leitor, Obama está de perfil, com uma fisionomia plácida que denota firmeza e equilíbrio.

Nas páginas seguintes aparecem imagens de personagens citados no corpo da matéria: George W. Bush, Franklin Delano Roosevelt e os especialistas entrevistados.

Obama eleito e a edição especial

Na edição 2086, do dia 12 de novembro de 2008, a cobertura da revista muda em face do personagem Obama não ser mais um candidato e sim o presidente eleito dos Estados Unidos. Agora ele aparece como um “filho do nosso tempo”, fruto de uma trajetória, que segundo a revista “só é possível agora, no mundo globalizado e politicamente correto, que superou o colonialismo, as guerras mundiais, a Guerra Fria e o Muro de Berlim” (página. 79). Na capa da revista lê-se, no alto, em vermelho, a inscrição “Edição Especial”. Quase toda a página é ocupada por uma foto do rosto de Obama. Não há outras chamadas de capa, apenas o trecho do discurso da vitória que se destaca no fundo preto “Se existe alguém que ainda duvide que os Estados Unidos sejam o lugar onde todas as coisas são possíveis, que ainda questione a força de nossa democracia, a resposta está aqui esta noite”.

A revista dedica 20 páginas de reportagens, três páginas de colunas² e duas de editorial à eleição presidencial norte-americana. Há ainda menções ao assunto nas seções “Panorama” (críticas à vice do candidato McCain , Sarah Palin), ‘Blogosfera’ (trechos das colunas de Reinaldo Azevedo e Diogo Mainardi sobre a eleição) e “Veja Essa” (frases do presidente Lula, do ex-secretário de Estado, Colin Powell e do premiê italiano, Silvio Berlusconi). Apesar do extenso material publicado, há pouca variedade nos temas. Fala-se da campanha eleitoral, dos desafios que se colocam para o futuro presidente, das manifestações de apoio a Obama ao redor do mundo. Merecem destaque as exaltações feitas ao longo dos textos sobre o “significado” da eleição do democrata, marcado pela questão étnica e por um suposto renascimento da democracia norte-americana.

A revista afirma logo em sua “Carta ao Leitor”, que pretende “enxergar com clareza entre as brumas da euforia, contextualizando o impacto efetivo da vitória de Obama sobre a

² Nesta análise não entraram as colunas fixas da revista assinadas por Diogo Mainardi e J.R. Guzzo, assim como não foram analisadas as menções nas eleições presentes nas outras seções da revista.



Neamp

crise econômica, a sociedade americana³ (sic), sobre o Brasil e o mundo. O texto é ilustrado com uma imagem de um homem negro e diante de bebedouros separados no Sul dos Estados Unidos, nos anos 50. Afirma-se que “no espaço de pouco mais de uma geração, o país foi superando o racismo surdo e a segregação racial legalizada em alguns estados”, o que teria culminado na “aceitação eufórica de um negro no comando supremo da nação”. De acordo com o texto, a vitória de Obama “sinaliza a reconquista pelos Estados Unidos da autoridade moral baseada na igualdade de oportunidade para todos”.

A revista traz oito reportagens, três delas assinadas por André Petry, o mesmo autor da reportagem da semana anterior, que cobria a eleição de Nova York. O primeiro texto intitulado “Obama, a resposta” (páginas 76 a 82) começa destacando o “exotismo” do presidente eleito dos Estados Unidos em relação aos anteriores, por conta de seus sobrenomes de origem árabe (Hussein) e queniana (Obama) e acrescenta que

“há 143 anos, ele seria propriedade de um senhor de escravos. Há 54 anos, suas filhas, Malia e Sasha, 10 e 7 anos, não poderiam se matricular em uma escola freqüentada por brancos. Há 47 anos, quando Obama nasceu, negros não podiam votar nem ser votados” (pág.77).

O sucesso da trajetória de Obama, que culminou na conquista da Casa Branca é definido como fruto de um “caldeirão multicultural” que inclui as origens do político e o mundo “globalizado e politicamente correto”. Avalia-se que Obama “venceu bem, mas não mais que isso” e que este teve a seu favor a impopularidade de George W. Bush, que teria atingido o auge. As comparações entre as eleições de Obama e do presidente Lula são rejeitadas sob o argumento de que as diferenças entre os dois são intransponíveis, pois,

Lula com sua origem pobre pertence à maioria étnica brasileira. Obama como negro, é da minoria nos Estados Unidos. (...) Lula venceu a eleição na quarta tentativa. Obama, na primeira. Lula, ao ser eleito, era o político mais conhecido do Brasil, e conhecia o Brasil de norte a sul. Obama, não. (pág. 79)

As análises, ao que tudo indica, são do próprio autor da reportagem. Não há no corpo do texto nenhuma entrevista que referencie as afirmações. O que diferencia a matéria que abre a seqüência de textos de um editorial é que esta está repleta de dados informativos, como gráficos que mostram o voto dos eleitores negros, brancos, votos no colégio eleitoral, mapa da votação nos Estados Unidos, fotos e legendas.

A matéria seguinte, intitulada “Longa jornada noite adentro” (páginas 84 a 86) fala do marco que a eleição de Obama representa em termos de igualdade racial nos Estados Unidos.

³ Neste texto adota-se as palavras estadunidense ou norte-americano para se referir aos Estados Unidos pois acredita-se que estes são termos mais precisos para se referir ao país. Assim, toda vez que aparecerem no texto as palavras americano/americana trata-se de um trecho conforme publicado em Veja, que emprega termo.



Neamp

O texto relembra a luta de Martin Luther King, Malcolm X e o movimento por direitos civis nos anos 50. Afirma-se que “o conflito racial é parte inseparável da americana” e que embora a eleição de Obama possa amenizar os sintomas, promovendo igualdade no convívio social entre negros e brancos, é insuficiente para acabar com o racismo individual. A matéria traz fotos de Luther King, Malcolm X e Muhammad Ali. Há também um quadro que enumera personagens negros pioneiros em áreas diversas, como artes, esportes e política. Nessa categoria estão citados dois membros do governo George W. Bush, o ex-secretário de Estado, Colin Powell (primeiro negro a assumir o cargo no país, em 2001) e Condoleezza Rice (que substituiu Powell após sua saída em 2005).

A tônica racial permanece no texto seguinte, com uma coluna especial assinada pelo diretor do Instituto Brasileiro de Diversidade, Helio Santos. O texto intitulado “O que Obama tem a ver com o Brasil?” (página 88) fala da importância das políticas de inclusão sociorraciais (sic), questionando se a eleição do primeiro presidente negro dos Estados Unidos teria sido possível sem as ações afirmativas implantadas naquele país a partir da década de 1960. O autor chega a responder diretamente à pergunta título, apenas diz que ela deveria ser invertida, perguntando-se o que o Brasil tem a ver com Obama para defender as políticas de ação afirmativa. Curiosamente, para defender seu argumento, o autor recorre à tese do “Choque de Civilizações” – que ironicamente foi popularizada durante o governo de George W. Bush como justificativa para os atentados de 11 de setembro.

“as guerras existentes hoje no mundo são mais culturais e étnicas do que ideológicas, o que exige lideranças capazes de lidar com desafios diferentes que os enfrentados durante a Guerra Fria e que ainda inspiram políticos como John McCain”.

Nas páginas seguintes, a revista deixa um pouco de lado a questão étnica e tenta se concentrar na política. A matéria seguinte “O mais duro dos testes, a realidade” (páginas 90 e 91), assinada por Jaime Klintowitz antecipa alguns problemas que deverão ser enfrentados pelo futuro presidente, com destaque para a crise econômica, as guerras do Iraque e do Afeganistão e a prisão de Guantánamo. O texto é acompanhado de uma fotografia que ocupa toda a página 90, um caixão coberto com a bandeira dos Estados Unidos sendo colocado em um avião. A legenda informa que se trata do retorno de soldados mortos no Iraque e que Obama promete trazê-los para casa, vivos, em dezessete meses.

Mais uma vez as análises parecem ser feitas majoritariamente de palpites do autor do texto. Apenas um especialista, o professor Stephen Wayne, da Universidade Georgetown, foi ouvido para fazer um prognóstico sobre o governo Obama. Além dele, há uma declaração de



Neamp

um dos assessores de Obama. Ambos são citados em apenas um parágrafo, o mesmo espaço utilizado pelo autor do texto para emitir juízos sobre a prisão de Guantánamo.

“A prisão de Guantánamo, por exemplo. Obama diz que vai fechar – e faz muito bem. Mas isso depende de achar um destino para os mais de 200 prisioneiros que estão por lá. É possível que alguns sejam inocentes, mas uma parte é de terroristas da pesada. Ninguém de boa-fé os quer soltos por aí”.

Em seguida, narra-se a onda de celebrações e otimismo desencadeada pela eleição de Obama na matéria “O presidente do mundo”, também assinada por André Petry. Afirma-se que as comemorações pelo mundo afora é algo inédito e que com ela, “os EUA mandam uma mensagem de tolerância e anunciam o fim da era Bush”, presidente que, segundo a reportagem, atingiu índices de antipatia recorde dentro e fora dos Estados Unidos.

“No dia 4 de novembro, Barack Obama pareceu o presidente do mundo, pelo menos por um dia. A vibração planetária é uma resposta à sua mensagem de tolerância, que está na cor de sua pele e no seu discurso, voltado para a negociação e diplomacia” (pág. 93).

Esse otimismo mundial é avaliado positivamente pelo autor, que considera que a imagem internacional dos Estados Unidos está desgastada por “quase oito anos de política arrogante e imperial de Bush”. Por outro lado, isso aumentaria o desafio de Obama, pois se espera tudo, desde a superação da crise econômica à promoção da paz no Oriente Médio, passando pelos cuidados com o aquecimento global e outros. Não há maiores explicações sobre o que viria a ser a política arrogante e imperial, bem como não se explica por que a política de Obama seria mais tolerante e voltada para a diplomacia.

A falta de conexão entre os diversos textos dessa edição especial faz surgir contradições. Na reportagem “O poder da alternância” (página 98e 99) afirma-se que Obama deverá continuar na busca pela manutenção da hegemonia mundial dos Estados Unidos. Se na reportagem anteriormente citada tem-se a impressão de que a política do democrata será diametralmente oposta a do republicano, nesta outra afirma-se que todos os presidentes daquele país possuem um ideal em comum e que é isso que será buscado pelo presidente eleito, “por meio de uma personalidade menos tóxica e desfocada que a George W. Bush”.

A matéria “Um presidente argentino” (páginas 94-95) parece ser exclusivamente dedicada a enaltecer a sociedade norte-americana e seu sistema político.

Como qualquer povo, os americanos se acham melhores que os outros. Ao contrário dos demais, têm provas a seu favor: a hegemonia econômica, a supremacia tecnológica e, este o fator mais irritante para estrangeiros e não crentes, o que muitos americanos consideram a superioridade moral de seu sistema político e social sobre os demais (sic).



Neamp

(...) É difícil discordar de Obama quando diz que sua vitória comprova o papel ímpar da democracia americana de dar oportunidades, sem limites, a quem merece promover a regeneração das feridas sociais. (pág. 94)

A autora, Vilma Gryzinski tenta de explicar, em poucas linhas, a idéia de Destino Manifesto, da excepcionalidade dos Estados Unidos e os princípios que guiaram os pais fundadores, o expansionismo de seu território e a divisão entre isolacionistas e idealistas até o 11 de setembro. Afirma-se que “Obama também quer ‘mudar o mundo’, embora de uma perspectiva de Bush”, embora essa suposta nova perspectiva não seja mencionada no texto. Este é encerrado recorrendo mais uma vez à “mensagem da tolerância” presente na eleição de Obama, afirmando que sua eleição confirma o excepcionalismo norte-americano. No fim, sugere-se que os países que não aceitam a idéia deveriam eles mesmos apresentar um feito semelhante; “a França precisa eleger um presidente muçulmano de origem argelina” e o Brasil, um presidente argentino.

O Brasil entra em cena somente nas páginas 96 e 97, na matéria “Promessas para Brasil”, assinada por Otávio Cabral. Afirma-se que a eleição de Barack Obama foi celebrada pelo governo brasileiro como “prenúncio de mudanças para melhor nas já saudáveis relações políticas e econômicas entre os dois países”. O texto informa que o candidato democrata teria dois projetos para o Brasil. O primeiro seria fazer do país um interlocutor entre Estados Unidos, Venezuela e Bolívia de modo a reaproximar estes países. O segundo seria diminuir a dependência dos Estados Unidos do petróleo, incentivando o uso e a produção de etanol, diminuindo as barreiras protecionistas para o Brasil.

O texto dá alguns exemplos anteriores de relações entre Brasil e Estados Unidos, de JK a FHC. Diferente de matérias anteriores, aqui as observações e análises não estão referenciadas apenas na opinião de quem escreve o texto. Há dois entrevistados, o ex-ministro da fazenda Marcílio Marques Moreira, e o diplomata Roberto Abdenur, ambos ex-embaixadores do Brasil em Washington.

Dentro do especial sobre a eleição a revista dedicou ainda uma página à técnica de televisão inovadora utilizada pelo canal CNN na cobertura da vitória de Obama, que simulava em estúdio um holograma da repórter que naquele momento estava a quilômetros de distância. A matéria era ilustrada com uma imagem do truque no alto da página e logo abaixo, em tamanho menor, uma imagem do filme *Star Wars*, que mostra um holograma da Princesa Leia.

Uma eleição, duas revistas



Neamp

Após a leitura de cada uma das matérias publicadas nas duas edições analisadas, pode-se ter a impressão de tratam-se de dois eventos diferentes. Não são. A mesma publicação que na semana da eleição quase parecia indiferente aos efeitos da eleição de um ou outro candidato é a mesma que na semana seguinte constrói a imagem de um político que, embora negro, tem uma origem multicultural, a única resposta possível para o mundo globalizado, uma prova do excepcionalismo norte-americano e da superioridade de seu sistema político. O grande número de páginas da edição especial, contudo, não faz a cobertura menos superficial. A todo tempo encontram-se tentativas de explicações, seja para dar conta de informar ao leitor como foi possível a eleição de um presidente negro em um país de maioria branca ou para interpretar a vitória do candidato democrata como a rejeição ao modelo político adotado por seu antecessor.

Enquanto nota-se que há um esforço da revista no sentido de não fazer previsões ou avaliações precipitadas, tanto antes quanto depois da eleição, este é insuficiente para evitar dois problemas: confundir notícia com opinião e repetir a mesma coisa com palavras diferentes. As duas coisas são particularmente visíveis na edição publicada após o resultado da eleição, mas também estão presentes na edição da semana anterior.

Confunde-se notícia com opinião quando os autores das matérias fazem informações carregadas de julgamentos, quando se menospreza a importância de fontes que avalizem o que é escrito pelo repórter, que nesse caso desempenha ao mesmo tempo, os papéis testemunha e juiz. Dizer que a democracia é o melhor sistema de governo, bem como o capitalismo é o melhor sistema econômico é uma opinião particular que só deveria aparecer em um texto jornalístico quando devidamente citado. Do mesmo modo, as avaliações sobre a história e política deveriam vir de especialistas.

Este uso de opinião no lugar da informação está diretamente ligado à repetição da mesma coisa com palavras diferentes. Assim como se reitera a todo momento a força da democracia estadunidense, também se fala repetidamente sobre a cor da pele do presidente eleito. De fato, trata-se de algo inédito. Porém, questiona-se se isto é tudo o que importa. A cobertura de *Veja* não leva em consideração o fato de Obama ser um *outsider*, das semelhanças de sua trajetória com a de outro presidente democrata, Bill Clinton. As propostas políticas do candidato são ofuscadas por sua característica étnica. Fala-se muito brevemente sobre os planos de Obama pra os Estados Unidos, o Brasil e os demais países e menos ainda sobre o que o diferenciaria de seu antecessor, George W. Bush.



Neamp

Assim como há quatro anos a vitória do republicano foi creditada ao ressurgimento da direita cristã e de uma retomada dos valores morais, a vitória de Obama, por sua vez é creditada à rejeição do presidente anterior, mas não se levam em conta os processos que teriam levado a essa rejeição. A conclusão que fica após esta leitura é que a eleição de um presidente estadunidense negro ainda causa estranhamento e só por isso tem de ser classificada como excepcional e prova definitiva de que aquele país oferece oportunidades iguais para todos.